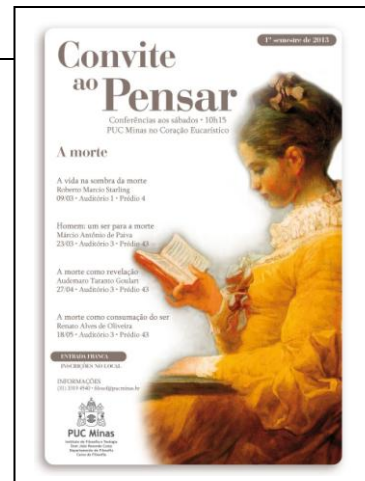


A INSATISFAÇÃO COM AS MARGENS DO RIO

DISSATISFACTION WITH THE RIVER BANKS



Audemaro Taranto Goulart*

"A terceira margem do rio" é uma das narrativas mais apreciadas de Guimarães Rosa. Alguns chegam mesmo a dizer que se trata do melhor conto da literatura brasileira. Por isso mesmo é que não deixa de ser temerária qualquer tentativa de ler em profundidade esse conto. Por outro lado, seu caráter instigante, seu mistério latente continuam a oferecer-se como convite a outros encontros com ele. É o que pretendo fazer aqui, ciente das condições que hão de contornar o trabalho.

Quando penso na "terceira margem", não me dispenso uma observação que me parece, até certo ponto, óbvia: a narrativa é muito simples enquanto contingências de enredo. Lá está um pai que resolve largar tudo para viver numa pequena canoa, dentro de um rio. Tudo que a família fez, no sentido de demovê-lo daquela "doideira", foi inútil. Insensível a todos os apelos, o pai demorou-se indefinidamente naquela decisão, deixando a família e os vizinhos perplexos, loucos, na busca de uma explicação: doideira, pagamento de promessa, alguma feia doença, o avisado do fim do mundo, que nem Noé?

De certa forma, igualmente perplexa, ficou a crítica, na sua também inevitável inclinação de achar explicação para tudo que acontece num texto. E, aí, tomem-se interpretações. Tomando a deixa do título, a crítica sentencia que o pai, certamente, foi buscar - e alcançou - a terceira margem daquele rio. E, nesse ponto, supondo-se imune ao "decifra-me ou devoro-te", a crítica tem certeza de que vai decifrando o mistério da narrativa. Tem-se então todo aquele aluvião de explicações que descem da terceira margem do título. E lá vem a verdade de: uma nova realidade, a

Texto apresentado no *Convite ao Pensar*, em 27 de abril de 2013.

* Possui graduação e licenciatura em Letras Anglo-germânicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1963-1964), Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985) e Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente, é professor titular nos cursos de graduação e de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

transcendência, o encontro de uma outra vida, a superação dos limites humanos etc. etc. etc.

Nada tenho contra essas conclusões, mesmo porque elas decorrem, na sua grande maioria, de um trabalho que se assenta numa dedução consistente. Acho também que não tenho muitos caminhos à escolha. Tenho também que ficar, nessa minha leitura, nos escaninhos dessa evidência: o pai se tirou, abandonou tudo, absolutamente convencido da sua decisão – que ele só fez confirmar, ao longo do tempo.

Ora, quem se escafede dessa forma só pode fazê-lo porque está em completo desacordo com o que ocorre, ali, naquela sua vida. É por aí, então, que quero passar, na concordância de que a narrativa mostra alguém que discorda, que joga tudo para cima, se manda e, com isso, desestrutura toda uma família. Não vou, portanto, ser original nem criativo. Vou nos rastros dessa evidência, procurando indicar mais uma razão da fuga do pai.

Para mim, não é doideira, nem transcendência, nem outra vida, na dimensão metafísica destes últimos termos. Acho que a fuga se deve a uma insatisfação com o mundo, não no sentido moral dessa colocação, mas com um mundo que o homem constrói enquanto *locus* da sua relação com o outro, enquanto possibilidade de construção social, de troca de valores.

Falei acima da consistência das leituras que já se fizeram sobre esse conto de Rosa. Entendo que essa consistência decorre muito menos do que as leituras possam apresentar de visão miraculosa e muito mais do investimento que elas fazem, como qualquer leitura, na textualidade. Por isso, não me esqueço de que qualquer texto é um conjunto de significados construídos na linguagem, resultado das relações que os signos estabelecem com a cultura. É essa articulação que faz brotar os sujeitos do discurso, ou seja, os enunciadores, os receptores ou os atores do texto. É importante, pois, para mim, ter em mente a verdade de que, como sujeito da enunciação crítica, sou uma peça importante na articulação do texto, enquanto sistema de signos, com a cultura em que também me encontro e da qual sofro as inafastáveis pressões, opressões e condicionamentos. Nesse ponto, se quero ser um sujeito da enunciação crítica, fundamentando um papel crítico, tenho de procurar manter-me à tona desse mar engolidor de sujeitos que é a cultura.

Dessa forma, quero deixar o meu texto imantar-se de desejo – desejo que Freud reconheceu como necessário ao próprio discurso científico – pois essa é a forma de enfrentar o texto de Rosa. E digo isso porque quero ler o texto de Rosa nos seus interstícios, procurando descobrir nele as relações que podem ser entretecidas com o contexto cultural. Esse é o desafio,

pois acredito que o conto rosiano (como qualquer texto, enfim) exhibe significações privilegiadas, ditadas pelos princípios ideológicos. Tais princípios, como é óbvio, decorrem das hierarquizações que se estabelecem na vida social, refletindo-se, pois, no texto que faz parte dessa estrutura (da qual também fazem parte os enunciadores do discurso literário e do discurso crítico, todos, portanto, transformados em linguagem e, dessa maneira tornados texto).

Mas deixo o meu desejo andar e ele me sugere a necessidade de arrancar a carapaça que cobre o texto de Rosa. Essa carapaça está representada pelas significações que sustentam as metáforas que recobrem a narrativa. Quero, portanto, penetrar por entre as frestas dessa linguagem e ler o que ela recalcou (não me esqueço de que sou texto também). Acho, assim, que é possível ler o lugar do recalque que está nas margens do texto. Para fazer isso, tenho de acreditar em Derrida e aceitar a sua colocação de que

um texto só é um texto se ele esconde, ao primeiro olhar, ao primeiro que aparece, a lei de sua concepção e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei de sua composição e a regra de seu jogo não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas não se entregam nunca, no presente, a nada que possamos rigorosamente chamar uma percepção (DERRIDA, 1972. p.71, apud 1976, p.93).

Minha desconfiança, nesse sentido, é a seguinte: Rosa, na "terceira margem", investe contra o domínio do masculino, contra a hegemonia falocrática. Não me interessa agora nada das elucubrações logocêntricas, das pressuposições metafísicas que estou cansado de ler nas apreciações do conto e que insistem nas alusões à transcendência, no encontro de outra vida, outro mundo, outra realidade, tudo isso que é muito bonito, mas, no fundo, nada mais faz senão ordenar hierarquicamente as relações que promovem articulações de poder na nossa sociedade. Por isso, meu desejo é operar uma leitura que dê conta do que o texto diz no seu interior - ou seja, os seus filosofemas - e uma outra que procure lê-la de fora, nas suas margens, identificando o que ele dissimulou ou recalcou. Aí, tenho de advertir que num texto não existem margens brancas, vazias, uma vez que o que as constitui, na verdade, é um outro texto que, por recalcado, costuma nem passar pela perspectiva idealizada do seu produtor.

Não quero também fazer qualquer tipo de insinuação. Não me preocupa o autor implícito, o cidadão Guimarães Rosa, as dificuldades que poderiam existir no problemático intervalo da definição masculino/feminino. Quero ler o texto, vendo nele uma busca que é realizada, não no sentido que acabo de proscrever, mas na direção de uma nova realidade social-antropológica que precisaria ser

construída. Afinal, como enunciei no título, há uma insatisfação *com* as margens do rio em que navegamos. Se glosasse a sabedoria freudiana, diria que há um mal-estar com tais margens.

Falei em Freud e é bom que Freud tenha chegado. Preciso dele, como sempre, para tentar explicar esse mundo, essas margens.

Freud propõe, no *Totem e Tabu*, o que seriam as origens da sociedade humana. Um pai despótico, que impunha sua vontade a tudo e a todos, que recolhera para si todas as mulheres, acaba morto por um bando de filhos ciumentos que, logo em seguida, repartem as mulheres entre si. Não quero aqui fazer uma descrição detalhada desse ato inaugural da cultura. Direi apenas que, na formulação freudiana, para se prevenirem de um outro pai despótico, os irmãos resolvem criar a mística do totem, um substituto simbólico do pai que estaria, permanentemente, lembrando que ninguém poderá mais matar nem o pai nem aqueles que são agora seus herdeiros (cada um dos irmãos). Como reforço a essa posição, criou-se também o tabu do incesto, indicando que nem todas as mulheres estão disponíveis para todos os homens. Constituíam-se, assim, as regras da exogamia, forma de garantir um relacionamento controlado entre os indivíduos.

Entretanto, o que me interessa mostrar aqui é o fato de que esse pai morto é a marca do patriarcado. Nesse sentido, diz Juliet Mitchel que o

pai morto, simbólico é muito mais importante do que qualquer pai vivo e real que se contenta em transmitir seu nome. Assim começa a história do patriarcado. Marcados pelo símbolo do pai morto é que os meninos e as meninas encontram seu lugar cultural no interior dessa instância que é o complexo de Édipo (MITCHEL, 1979.p.420).

Preciso dizer ainda que há uma aceitação da antropologia contemporânea, tendente a considerar a tese de Freud de que sociedade humana e patriarcado são sinônimos.¹

Além disso, quero acrescentar, por força mesmo de explicar essa noção básica de minha leitura – que é a questão do patriarcado – como se dá a repartição das mulheres. Nesse ponto, as coisas acontecem dentro das regras do sistema de parentesco. Lévi-Strauss, de quem também me socorro constantemente, afirma que as trocas que se processam no sistema de parentesco são de mulheres, o que é feito através dos homens. Quer dizer, dois homens intervêm no processo: o que renuncia à mulher proibida, sua parente, e o que a reivindica, por não ter com ela qualquer laço de parentesco. Esse lance do patriarcado não tem uma explicação lógica nem convincente. Segundo Mitchel, Lévi-Strauss

¹ Digo isso porque é comum contrapor-se a essa tese de Freud aquela outra de Engels, para quem o patriarcado diz respeito apenas à civilização letrada. Nesse sentido, patriarcado e história escrita são irmãos gêmeos.

esclarece que não há qualquer razão teórica que justifique o impedimento de mulheres trocarem homens; entretanto, segundo o antropólogo, empiricamente, isso nunca aconteceu em qualquer sociedade (MITCHEL, 1979, p.392).

Desse modo, a troca de mulheres, efetuada sob um controle legal, é a base que distingue a humanidade, de um ponto de vista cultural, através da instituição da família. Tudo isso se sustenta na instituição maior do patriarcado.

Acho que já falei muito desses aspectos teóricos que quero como sustentáculos do que vou dizer do conto. É bom, pois, ir à narrativa de Rosa, para começar a ver essas coisas nela. Creio que não é difícil encontrar, na superfície do texto, as marcas do patriarcado. Afinal, a atitude do pai fez dançar toda a estrutura familiar, acabou com a pretensa autoridade da mãe, numa demonstração de que quem regia, de fato, era ele, o pai.

Essa constatação de que o pai encarna o poder do patriarcado é assimilada pelo leitor só depois de transcorrida a maior parte da narrativa, uma vez que a primeira impressão é justamente o contrário, devido ao fato de que a narrativa mal se inicia e já vem mostrar que o pai

era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente-minha irmã, meu irmão e eu (ROSA, 1978, p.27).

Quando se percebe, depois, a implosão da família, é que se compreende como aquela suposta submissão do pai – "homem cumpridor, ordeiro, positivo, só quieto" – e aquela suposta supremacia da mãe – "nossa mãe era quem regia" – nada mais são do que embustes que o narrador utiliza para provocar o impacto do contraponto.

Mas ficar nessa conclusão é também um ledó engano, pois, aí, têm-se mais embustes que podem até nem ter passado pela perspectiva consciente do sujeito da enunciação, uma vez que, na verdade, o conto vai evoluir no sentido de mostrar que o grande problema é justamente o patriarcado. Esse é o princípio a ser exorcizado, é essa invenção da cultura que precisa ser desestabilizada e elidida. É o que vai mostrar a leitura que se faz sob a carapaça das metáforas que ornamentam a superfície manifesta do texto. Essa leitura é o meu desejo aqui e agora. Quero ler o silêncio do texto, quero ler suas insinuações, seus indícios, numa palavra, quero ler sua outra palavra, a palavra que se destampa de suas margens.

Aliás, o tecido da narrativa mesmo me mostra isso, me revela esse mais-dizer do silêncio, da falta de palavras articuladas. A propósito, observe-se que o pai, no conto, não pronuncia uma palavra sequer. Sua linguagem resume-se a gestos:

Nosso pai nada não dizia. [...] Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação.[...] Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos.[...] Ele só retomou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás (ROSA, 1978, p.27) .

O que esses traços estão me sugerindo? Não hesito em dizer que eles me sugerem o início da retroação, da anulação da progressão do homem, de um regresso às origens, ao começo da civilização, à possibilidade de desmanchar tudo e de começar uma nova trajetória, uma nova cultura. Quer dizer, ao articular a linguagem o homem foi marcando sua natureza diferenciada como ser humano. Negar a linguagem, como o pai faz no conto, é desmanchar essa especificidade, é progredir num regresso rumo ao princípio de tudo.

E por que digo isso? Por que as palavras constituem um valor. É o que nos ensina o velho Lévi-Strauss, ao falar da questão da troca de mulheres. Mostrando que esse procedimento configura um processo de comunicação - a posição das mulheres no sistema de comunicação entre os homens constitui uma significação extraída das regras de casamento e de nomenclatura de parentesco - Lévi-Strauss lembra que as regras de parentesco mantêm uma íntima conexão com a linguagem, sendo ambos os mecanismos elementos que mantêm a sociedade unida.

Nesse sentido, diz o antropólogo que

o fato de que as palavras sejam signos é geralmente reconhecido; mas os poetas são praticamente os únicos que sabem que as palavras, certa vez, foram também valores (LÉVI-STRAUSS, 1973, p.61) .

Isso significa que, à força do uso, os fonemas e as palavras dão a impressão de que perderam seu caráter de valor, tomando-se signos puros. Entretanto, como adverte Lévi-Strauss, se remontarmos à origem da linguagem – sem dúvida, um problema obscuro – vamos perceber

como no caso das mulheres, [que] o impulso original que compeliu os homens a trocar palavras poderia ser procurado naquela representação dividida que pertence à função simbólica. Pois, desde que certos termos são simultaneamente percebidos como tendo um valor tanto para quem fala quanto para quem escuta, a única maneira de resolver essa contradição está na troca de

valores complementares, aos quais toda a existência social é reduzida (LÉVI-STRAUSS, 1973, p.61) .

Essas colocações ajudam, pois, a compreender o significado maior da atitude do pai, negando-se a falar. Ele como que nega essa troca de valores e, desse modo, retira a linguagem do plano simbólico de suas relações. Quer dizer, o pai, na sua vertigem desestruturadora, involui, enquanto ser humano no mundo da cultura, recusando-se a uma das mais elementares condições de estabelecimento da civilização: a troca de palavras, esse valor essencial, fundante do gênero humano e do mundo simbólico.

Continuando dentro dessa dimensão fundamental da minha leitura – o caráter do patriarcado e o seu questionamento no conto de Rosa – vou lembrar que é a especificidade do patriarcado, estabelecido, por hipótese, pela lei do pai morto nos tempos pré-históricos, que vai marcar os lugares dos homens e das mulheres na história da humanidade. E essa presença do patriarcado é tão determinante que é, a bem dizer, impossível fugir dela. A narrativa mostra isso muito bem quando revela o desejo da família e da comunidade, diante da ausência do pai. Sobretudo, é de se notar os esforços que a mãe faz, tentando restabelecer a ordem que se desmantelou, tentando repor as leis do simbólico, da cultura, conforme se pode ver no trecho seguinte:

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dois homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão daquele (ROSA, 1978, p.29).

O trecho dá a ver alguns mecanismos típicos do universo da cultura. O tio, irmão da mãe, que vem para ajudar na fazenda e nos negócios, encarna bem o papel da marcha do capital, que não pode parar. O capitalismo é uma das manifestações mais agudas do regime patriarcal. Embora não haja uma dependência mútua entre o capitalismo e a ideologia patriarcal que opera a troca de mulheres, é possível ver como esses dois campos acham-se, muitas vezes, inextricavelmente ligados.²

² Juliet Mitchel, por exemplo, entende que as contradições existentes no modo de reprodução capitalista abrem brechas para que se veja, potencialmente, a possibilidade de a classe operária se apropriar dos produtos de seu trabalho que, no regime capitalista, é propriedade dos donos do capital. Da mesma forma, entende a autora que é possível ver contradições no patriarcado, entendidas como as relações de parentesco que regulam a troca de mulheres e que sustentam a ideologia patriarcal. Se "é possível à classe operária apropriar-se do resultado produtivo do seu trabalho, também é possível às mulheres reverter um sistema de dominação que se funda numa ideologia e que se transmite de pessoa a pessoa,

Em seguida, podem ser vistos os famosos aparelhos ideológicos de Althusser: o da Escola, representado pelo mestre que devia ensinar aos meninos; o da Igreja, instituído na figura do padre, a quem caberia, revestido, na margem, esconjurar o pai; o do Estado, traduzido na figura dos dois soldados, espelhando a ameaça que se configura no medo. Até mesmo o poder da imprensa, tradicional mecanismo de constrangimento, foi acionado pela mãe, na tentativa de recompor o universo que sustenta a ideologia patriarcal e que finca suas raízes num princípio que fala para cada um e através de cada um em seu inconsciente. Como diz Juliet Mitchel,

a reprodução da ideologia da sociedade humana é assim assegurada, graças à aquisição da lei pelo indivíduo. Pode-se então considerar o inconsciente analisado por Freud como o lugar da reprodução da cultura ou ideologia (MITCHEL, 1979, p. 430).

Mas voltemos à narrativa. Como disse, tomada a decisão de abandonar tudo e todos, o pai não pronuncia qualquer palavra, resumindo-se a sua linguagem a gestos, numa demonstração de que ele como que iniciava um trajeto de retorno às origens, uma vez que se entende a linguagem articulada como um marco do início da civilização. Nesse progresso no regresso, tem-se uma indicação de que o pai, cada vez mais, vai aproximando-se do seu destino, renunciando a qualquer tipo de comunicação. Até os gestos desaparecem, como se vê na passagem em que o filho, preocupado com as condições de sobrevivência, procurava avisar o pai de que lhe trazia "um tanto de comida furtada":

Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal (ROSA, 1978, p.28).

O processo de desestruturação da família vai sendo posto em prática. Esse é um outro índice do regresso às origens, de desmancho do mundo da cultura, estabelecido sobre as bases da família nuclear, como forma de sustentação da ideologia patriarcal. A esse trabalho o pai se entrega, o que é confirmado pelo fato de que ele não fora embora, mas mantivera-se ali:

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? [...] Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse (ROSA, 1978, p. 30).

indistintamente, por via do inconsciente, através do complexo de Édipo que institui a família nuclear.

Esse processo é ainda reafirmado em outras atitudes. Veja-se que o pai não tem a menor sensibilidade com o nascimento do neto.

Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados (ROSA, 1978. p. 30)

Vejam-se, aí, os traços da negação empreendida pelo pai. Além da família – que se reduplica no consórcio da filha –, nega-se a instituição do casamento - a filha apresentou-se com a roupa branca usada naquela oportunidade – e nega-se aquilo que Otto Rank chama de ideologia racial, ou seja, aquela que procura a perpetuação da raça, através da sucessão dos pais pelos filhos.

Os resultados do desmancho da família não se fazem esperar.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar (ROSA, 1978, p. 30).

Alguns aspectos chamam a atenção, nesse trecho. Note-se que o ocorrido com a família não é, simplesmente, um deslocamento para outras regiões, mas sim um "desaparecimento", como atestam alguns significantes. Primeiro, a irmã muda-se para um lugar que não é definido. O texto caracteriza essa indeterminação com a vaga indicação de que ela fora com o marido "para longe daqui". O irmão se foi, "para uma cidade". Está clara, aí, a indeterminação do lugar, tão impreciso quanto aquele "para longe daqui", que é também o lugar onde a mãe vai desaparecer. Por fim, além do desaparecimento da família, tem-se, também a negação da ideologia racial, na peremptória afirmação do narrador: "Eu nunca podia querer me casar".

Nessa altura, quando olho para o rio que a canoa corta, vejo ali aquele lugar estranho que o narrador indica, quando informa:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia (ROSA, 1978, p. 28).

Os "espaços do rio, de meio a meio", revelam a "estranheza dessa verdade": "Aquilo que não

havia, acontecia". O rio, pois, ganha uma outra dimensão, marcada na idéia de que nele acontecia outra coisa, diferente, uma coisa que não havia, nova, pois. É essa dimensão, inaugurada pelo pai, que vai pontificando. O pai vai fazendo uma revolução e ele mesmo vai-se modificando.

Veja-se que essa modificação tem todas as características denotadoras de uma "involução", do progresso no regresso a que me referi. É só conferir a descrição que o narrador faz:

Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficando preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia. (ROSA, 1978, p. 30).

Como se nota, o pai vai-se tomando um ser que lembra as imagens que se fazem do antepassado do homem, ia, inclusive, ganhando "o aspecto de bicho". Aí se tem, pois, a sugestão dessa volta às origens, ao ponto em que se marcaria uma transição do animal ao homem.

Tudo isso ganha contornos impressionantes no final da narrativa, quando o narrador vai em busca do pai, com o intuito de substituí-lo, tomar o seu lugar:

Ele me escutou. Ficou de pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto-o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos. E eu não podia ... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além (ROSA, 1978, p. 32).

Não pode passar despercebido o fato de que o pai "tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos!". Quer dizer, a determinação do pai em suspender toda e qualquer comunicação com a família é agora interrompida. Por quê? Penso que é o corte final, a secção definitiva com o último e renitente remanescente de um mundo que ia submergindo. Para isso, foi preciso mostrar ao narrador a incompatibilidade dos dois mundos: o do pai, outra realidade que, à falta de melhor definição, o narrador chama "da parte de além" e o dele próprio. Só que, esse seu mundo, inteiramente desestabilizado, impunha-lhe fugir dele.

Socorro-me dos significantes da narrativa para tentar explicar melhor. Ao confrontar-se com o pai, o narrador diz:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo (ROSA, 1978, p. 32).

O narrador enceta, então, uma fuga: "corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado". Essa fuga e esse procedimento desatinado funcionam como índices de um mundo insuportável. Também por isso ele pergunta: "Sou homem depois desse falimento?". E ele mesmo responde: "Sou o que não foi, o que vai ficar calado". Tem-se, aí, a idéia de "não ser mais homem", de ter também mudado, identificando-se ao pai, o que se comprova com a afirmação de que "vai ficar calado", ou seja, vai emudecer, não vai mais usar as palavras. Essa revelação que lhe chega é angustiante, na medida em que chega muito tarde, depois de tanto tempo, do falimento do mundo, motivo por que "temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo". Note-se o significante que caracteriza o mundo: "rasos". É também importante observar o valor semântico do significante "temo", muito mais vetorizado no sentido da afirmação que da dúvida. Parece, portanto, ser óbvia a avaliação que a narrativa impõe a essa realidade que vai sendo implodida. Daí que o desejo do narrador se resuma, exclusivamente, em identificar-se ao pai, como se vê nas palavras finais da narrativa:

Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro-o rio. (ROSA, 1978, p. 32).

Assim, a vontade de reiniciar tudo, de articular outros tipos de relações, de alcançar outra realidade simbólica, como o pai ensinara, realiza-se naquele *locus* miraculoso: o rio. Daí a sua caracterização mágica, de uma "água que não pára", que tem "longas beiras". No seu liso espelho, a personagem pretende descer – ir rio abaixo –, sair-despedir-se desse mundo – ir rio a fora – para entrar no outro mundo – o rio a dentro-o rio – em que ele, seguramente, encontrará também a sua terceira margem.

Permito-me agora voltar às considerações finais com que "temo" fechar este trabalho. Relembro, aqui, minha proposta de leitura, desejosa de mostrar aquilo que seriam as águas de baixo do conto de Rosa. Tais águas induzem-me a pensar que o conto quer explicitar o absurdo da ordem humana patriarcal, sugerindo a necessidade de se proceder a uma revolução - como a que o pai fez? – que propicie a instalação de uma outra sociedade, de uma outra cultura, que não se estabeleça a partir da troca de mulheres. Nesse sentido, socorro-me, novamente, de Juliet Mitchel:

Na ordem patriarcal, as mulheres são oprimidas até mesmo na psicologia de sua feminilidade; quando tudo o que subsiste dessa ordem é profundamente contraditório, essa opressão se manifesta. As mulheres devem se organizar enquanto mulheres, para mudar a ideologia fundamental da sociedade humana. Para ser efetiva, essa ação não pode ser uma oposição

dirigida simplesmente contra a dominação do homem (embora isso desempenhe um papel tático). A luta deve ser fundada numa teoria que mostre que, nessa etapa, as leis instituídas pelo patriarcado não são socialmente necessárias (MITCHEL, 1979. p.431)

Diante disso, pergunto se "A terceira margem do rio" não seria uma ilustração desses procedimentos, dessa ação a que se refere Juliet Mitchel. Se se concordar com isso – e acho que é muito possível concordar – Guimarães Rosa bem que poderia estar fazendo uma literatura de nítida feição feminina. Pelo menos, diante da sutileza com que a narrativa simula reforçar o patriarcado para, num plano subversivo, desestabilizá-lo inteiramente, pode-se pensar que o texto revela uma adequada dicção feminina. Nesse caso, é lícito pensar que, se há uma insatisfação com as margens do rio, a terceira margem é uma utopia e, por isso mesmo, uma esperança. De uma nova sociedade, de uma nova relação de gênero (ou, até mesmo, uma ausência dessa distinção), de uma nova cultura, de um mundo simbólico muito mais perto das relações do prazer do imaginário.

Referências bibliográficas

FREUD, S. *"Totem y tabú y otras obras"*. In: FREUD, S. **Obras completas**. Tradução José L. Strachey. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, v. 13.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução Chaim Salmuel Kaltz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

MITCHEL, Juliet. **Psicanálise e feminismo**: Freud, Reich, Laing e a mulher. Tradução Ricardo Britto Rocha. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

SANTIAGO, Silviano (Org.). **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.